

A Rosa e o Espinho



© 2025 – Conhecimento Editorial Ltda

A Rosa e o Espinho

AMÉRICA PAOLIELLO MARQUES

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão por escrito do editor.

Revisão:

Projeto gráfico: Sérgio Carvalho
Ilustração da capa: Banco de imagens
ISBN 978-65-5727-208-4

4ª Edição – 2026

• Impresso no Brasil • *Presita en Brazilo*

Produzido no departamento editorial da
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA

Impresso na



a gráfica digital da **EDITORA DO CONHECIMENTO**
grafica@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8 / 7057)

Nicanor (Espírito)

A Rosa e o Espinho / obra psicografada por
América Paoliello Marques – Limeira, SP: 4ª edição
– Editora do Conhecimento, 2026.

164 p.

ISBN: 978-65-5727-208-4

1. Literatura espírita 2. Espiritismo - Mensagens
3. Obra psicografada I. Título II Marques, América
Paoliello

26-0676

CDD – 133.93

Índice para catálogo sistemático:

1.

Nicanor

A ROSA E O ESPINHO

Obra mediúnica psicografada por
América Paoliello Marques

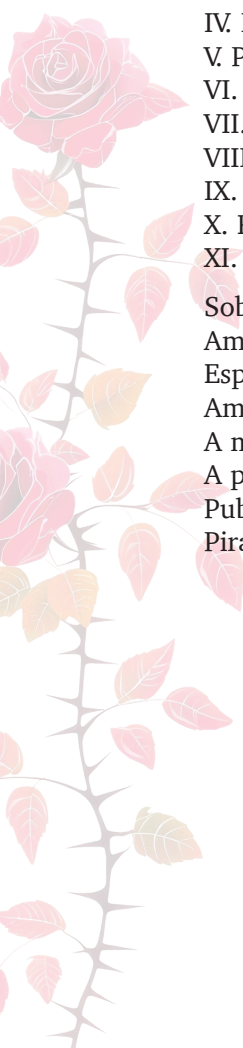
4ª edição – 2026





Sumário

Prefácio da 1ª edição - Experiências	7
Prefácio da 2ª edição.....	13
Prefácio de Ramatís	16
Prefácio de Nicanor - Reflexões.....	20
Prefácio da 3º Edição	22
Prefácio da 4ª Edição	24
1º Parte - Reflexões	29
I. Definição.....	31
II. Conflitos	34
III. Deus	37
IV. Liberdade	40
V. Transições.....	43
VI. Mediunidade.....	47
VII. Lealdade	51
VIII. Misericórdia	54
IX. Modéstia	58
X. A dor.....	61
XI. Fé.....	65
2º Parte - Vivências.....	71
I. Ação.....	73
II. Medo	75
III. Escândalo	77
IV. Decifração	80
V. Responsabilidade	83
VI. Tesouros	86
VII. Continuidade (Liderança)	89
VIII. Renovação	93



IX. Trabalho	96
X. Coordenar	99
XI. Esperança	101
3º Parte - Amor	107
I. Renúncia	109
II. Doação	112
III. Bondade	116
IV. Iluminação	120
V. Perdão	123
VI. Padecer	127
VII. Reconhecer	131
VIII. Enviar	134
IX. Parecer	138
X. Retornar	142
XI. Caridade	145
Sobre a autora	
América Paoliello Marques (1927-1995)	148
Espíritos amigos e guias	150
América por América:	153
A médium e a pesquisadora	153
A prece de América	158
Publicações de América Paoliello Marques	161
Pirataria espiritual	163

Prefácio da 1ª edição

Experiências

Numa época em que a incredulidade e o materialismo encontram clima propício, aqueles que buscam a espiritualidade precisam, mais do que nunca, fazer a defesa interior de suas próprias convicções.

O espírito de análise não é incompatível com a fé, como desejam fazer crer os defensores do materialismo. Ao contrário, a fé representa uma capacidade extra de distinguir realidades semi-ocultas na fase de embrutecimento espiritual dos primeiros graus evolutivos.

Decepções, incompreensões, perseguições costumam assediar o aprendiz em seus primeiros passos em direção à espiritualidade. Ele, porém, que já pressente o caminho, deverá ser o guardião de sua fé. Se aceitar suas limitações e souber recomeçar sempre “a busca” em novos níveis, será vitorioso. Se, porém, se deixar vencer pela hostilidade do meio, mesmo assim, ainda poderá recomeçar, só que com a necessidade de experiências mais complexas.

Cada espírito representa, no laboratório da vida, um “tubo de ensaios”, no qual são depositadas as “substâncias” representadas pelas influências exteriores que reagem sobre a “composição básica” do espírito em processo evolutivo de transformações sucessivas. Os “males” que o atingem provocarão reações capazes de defendê-lo, em maior ou menor escala, de acordo com a intensidade da vontade empregada na resposta ao desafio da vida.

Há um princípio bastante democratizante em espiritualidade — é que somos todos imperfeitos em maior ou menor

grau. Encontramo-nos longe de uma situação de harmonia, mas mesmo esta certeza serve para felicitar as almas sensíveis quando, embora identificando sua posição espiritual, inebriam-se pelo contraste de sua condição com o manto de Amor que paira sobre a Criação da qual fazem parte.

Uma dupla consequência, então, se apresenta — quanto mais se conhece a si mesmo, mais o espírito penetra a própria realidade, mais sente suas próprias necessidades e, por estranho que pareça, mais é feliz, pois identifica a bênção extraordinária que a vida representa para os que já possuem “olhos de ver”. Daí em diante, nada mais lhe fará falta real. Descobriu o mecanismo da superação.

Esta posição íntima traduz-se por uma autocrítica lúcida e construtiva. Não importa quais sejam as próprias deficiências, pois não haverá mais defecções. O espírito já pode conviver livremente com as próprias incoerências e, conseqüentemente, com as do próximo. Sentiu a relatividade de tudo quanto o cerca, conseguindo, simultaneamente, perceber a beleza do processo aparentemente caótico da evolução. Este fenômeno pode ser descrito como a conquista dos primeiros graus do verdadeiro Amor. Através dele passam os homens, passam as lutas, passam os fatos sem lhe alterar a essência — a fé na realização do bem, ainda inacessível integralmente, e indefinível para nós, mas nem por isso impossível de ser provada nas doses minúsculas que se expressam numa esperança alegre de realizações gradativas no terreno da paz interior.

Cabe aqui entrar em algumas explicações capazes de comprovar a excelência do processo descrito.

Se fôssemos espíritos harmonizados, nossas experiências transcorreriam da infância à maturidade dentro das normas da maior tranquilidade. Entretanto, isso não sucede. Atribui-se esta situação aos choques do ambiente involuído que nos cerca, esquecendo-se, muitas vezes, da realidade interior, decisiva em problemas psíquicos. Se já possuíssemos paz, nós o verteríamos sobre o próximo sem nos deixar contaminar. Os problemas da infância e da adolescência revelam não só o meio em desequilíbrio como a ausência de luz no espírito

que precisa evoluir por etapas penosas no contato do corpo material.

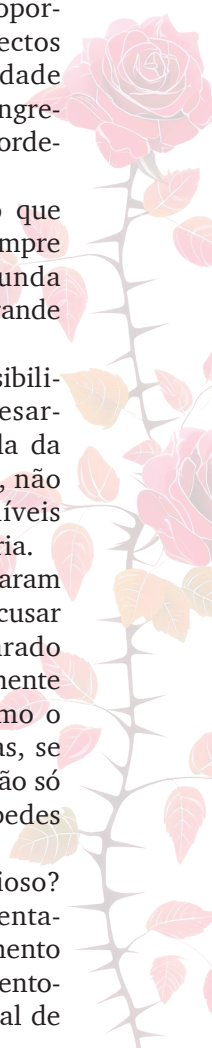
A estes fatos tradicionais da educação espiritual do homem, acresce atou-se, ultimamente, uma hipersensibilidade tal que, embora, sendo atribuída às condições do meio contraditório, não elimina a circunstância de estar evidenciada, atualmente, com maior intensidade, sua incapacidade de superação interior, ou seja, de reação adequada e proporcional ao estímulo exterior. Tal fenômeno assume aspectos patológicos. Tem-se a impressão de que a sensibilidade humana, em grande número de casos, é constituída de engrenagens superpostas, desprovidas de um eixo capaz de coordená-las harmoniosamente.

Os processos da psicologia despertam uma reação que consegue articular parte desta engrenagem, mas resta sempre algo a ser complementado — a engrenagem mais profunda do espírito, em suas implicações com a eternidade, o grande enigma.

Desiludidos e insatisfeitos, os espíritos cuja hipersensibilidade atinge o grau da mediunidade declarada, em desarmonia, buscam solução diferente — a visão mais ampla da espiritualidade e nela, frequentemente, se recompõem, não sem pagarem o necessário tributo da renovação, em níveis mais amplos do que a psicologia materialista deles exigiria.

Para muitos observadores superficiais, estes praticaram “fuga”, buscaram “compensações”. Seria o mesmo que acusar o faminto por ter procurado alimento e tê-lo preparado com seus próprios esforços, pois só se beneficia realmente dos preceitos espirituais quem consegue vivê-los. Como o cozinheiro inábil, ele poderá queimar-se, cortar-se, mas, se possuir perseverança, conseguirá preparar lutas ceias, não só para si como para alimentar, momentaneamente, hóspedes de sua casa espiritual.

E como será preparado esse alimento precioso? Inicialmente, com o auxílio direto dos mais experimentados, como em toda aprendizagem. Mas o teor do alimento será sempre buscado nas experiências individuais. Os mentores espirituais são como jardineiros. A produção espiritual de



cada um será caracterizada pelo “tipo de semente” que traz consigo do passado e com o “tipo de terreno” onde vive. A produção espiritual do médium é conjugação destes dois fatores, supervisionada pela influência das entidades que o orientam.

Geralmente, ele é o “tubo de ensaio” no qual somam-se e reagem mutuamente suas tendências individuais, as lutas que enfrenta no ambiente e a ação catalisadora e benéfica de seus protetores. Desta interação, se bem conduzida pela boa vontade decisiva do médium, surgirão os benefícios que a ele atingirão em primeiro lugar.

Para muitos, ele estará sob o efeito de uma sublimação ao conduzir seus problemas de forma a espiritualizar-se. Nós chamaríamos a isto evolução — renovação interior, pelo contato com orientações mais elevadas e doação ao próximo do fruto de sua experiência interior.

Ao realizarem um trabalho mediúnico sistematizado, os Guias visam, em primeiro lugar, à recuperação do médium. Socorrem-no em suas reais necessidades, sustentam-no através do serviço ao próximo. Retiram de suas vivências o material básico, como a substância fundamental da experiência a ser realizada. O material psíquico do médium é, frequentemente, preparado, conduzido, de forma a se tornar o pano de fundo do trabalho que realiza. Isto pode suceder em relação aos planos espirituais a que se liga, às situações que vive na Terra ou, o que é mais comum, da inter-relação entre ambos aqueles tipos de experiência. Desse modo, procura-se a interpenetração gradativa da espiritualidade com o plano material e vice-versa.

O médium não é um autômato: Ele vive, sofre e evolui ao ritmo das realizações espirituais que lhe chegam. Neste fato repousa o valor do trabalho mediúnico para o próprio indivíduo. Os espíritos servem-se de seu material psíquico, elaboram-no, sublimam-no, acrescentando, com maior ou menor intensidade, suas características pessoais superiores e uma nova substância psíquica surge, através de mensagens de tipos diversos de espiritualidade.

Entretanto, em virtude da desigualdade de níveis evo-

lutivos, com suas consequentes características individuais, o material psíquico obtido não poderá agradar igualmente a todos. Haverá “paladares” mais ou menos afinizados ou prontos para cada tipo de orientação. “A verdade de cada qual” decidirá da aceitação ou da rejeição. Quem poderá opinar abalizadamente sobre um trabalho mediúnico? Mergulhados como estamos num oceano infinito de causas e consequências que não podemos avaliar integralmente, os médiuns serão sempre louvados pelos afins e acusados pelos desafetos. Porém, se realmente estiverem se evangelizando, nada os afetará, pois o socorro do Alto já lhes estará chegando com o simples fato de serem recebidos na Seara e, portanto, socorridos para continuarem a servir.

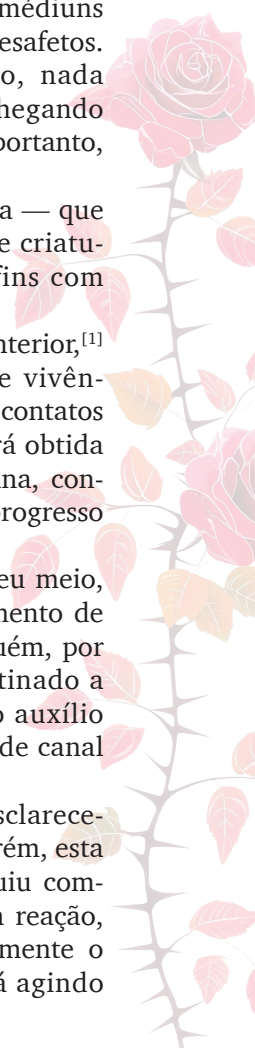
Por esta razão, sonharão com uma única ventura — que a paz alcançada seja estendida ao maior número de criaturas, sejam elas ou não portadoras de objetivos afins com os seus.

Muitas vezes, como já ficou explicado em obra anterior,^[1] o mediano é conduzido a determinado tipo de vivência com o objetivo de servir de “reagente” e, de seus contatos simultâneos com o meio e com a espiritualidade, será obtida a “substância” que, inoculada à semelhança de vacina, conseguirá gerar “anticorpos” nos irmãos desejosos de progresso espiritual.

Um médium teórico, afastado da realidade de seu meio, seria simplesmente um ornamento, mais um instrumento de especulações estéreis. O médium, mais do que ninguém, por ter a missão de influir sobre o progresso, está destinado a sofrer penosamente a influência do meio e, com o auxílio a que faz jus quando dedicado, sobrepõe-se e serve de canal às orientações retificadoras.

Indiscutivelmente, quanto maior for a ação esclarecedora, maior a reação que despertará seu trabalho; porém, esta deve ser para ele uma parte secundária; se conseguiu compreender sua tarefa, terminará por considerar que a reação, tanto favorável quanto desfavorável, representa somente o sintoma de que o remédio, do qual é portador, está agindo

[1] *Mensagens do Grande Coração*, “O Carma”.



e provocando, em cada irmão seu, consequências coadunadas com o processo evolutivo de cada qual. Sua tarefa termina aí.

Procuramos traduzir nestas palavras as explicações que temos recebido de nosso guia Nicanor e outros durante os vinte anos de trabalhos espirituais, nos quais nos prepararam assiduamente para enfrentar as “rosas e os espinhos” com a mesma alegria espiritual.

A um certo momento da realização mediúnica, um compromisso sólido pode ser efetuado, estreitado, entre o médium e seu Guia, uma assistência lúcida e permanente que eles designam como “recíproca”. Trata-se do momento no qual o medianeiro demonstrou suficientemente, a si próprio e aos seus orientadores, ser capaz de se subtrair às ciladas da sombra que buscam destruir seus mais elevados ideais no intercâmbio com a Espiritualidade. E quando os espinhos mais ferem é quando o bálsamo do Amor mais se faz necessário. Porém, esse bálsamo só é acessível se o sensitivo se torna capaz de entender a mensagem da dor e sabe sorrir diante da beleza do aprendizado espiritual mais árduo.

Chovem, então, pétalas de rosas sobre seu espírito, como as mensagens contidas nesta obra. Balsamiza-se, agradece e passa ao próximo que estiver apto a sentir o perfume da Espiritualidade, as bênçãos do esclarecimento recebido, por acréscimo da misericórdia divina.

E, da mesma forma que se viu felicitado e amado, sonha ver a todos os seus irmãos abençoados, sem nenhuma exceção.

Veja quem tiver olhos de ver, ouça quem tiver ouvidos de ouvir. — Jesus.

América Paoliello Marques

Prefácio da 2ª edição

Esta nova edição de *A Rosa e o Espinho* possui, como a primeira, um significado muito especial. Ela é produto de um esforço, derivado da iniciativa pessoal, para não deixar que mensagens tão preciosas para a renovação espiritual humana permaneçam em nossas mãos, sem poderem ser estendidas sempre a mais alguns espíritos ávidos de Luz e Paz, no mundo conturbado em que vivemos.

Decorridos sete anos desde o lançamento da 1.ª edição, pela meditação constante e oportuna sobre os ensinamentos profundos que nos trouxe Nicanor, compreendemos cada vez mais o valor de nos ter sido oferecido um conjunto tão precioso de reflexões sobre a forma de operacionalizarmos o programa de trabalho sintetizado pelos símbolos da Fraternidade do Triângulo, da Rosa e da Cruz (FTRC), com base no Evangelho de Jesus.

Por ser difícil obtermos recursos ou colaboração de editoras, também essa nova edição é de tiragem reduzida, o que nos leva a compreender que continuam sendo poucos ainda os que atendem ao chamado dos interesses do espírito. Entretanto, não é menos profunda e generosa a alegria que sentimos com este novo lançamento, que se assemelha a uma rajada de chuva dispersa generosa sobre o solo ressequido pela longa estiagem do materialismo negativista.

A grande alegria que nos invade neste momento do trabalho da FTRC está justamente representado pelo fato de termos conseguido até hoje sobreviver *sem interrupção de nossas tarefas abençoadas*, nas quais como aprendizes bisonhos recomeçamos todos os dias do ponto onde

háviamos estacionado na véspera.

Dezenove anos transcorreram desde a fundação da Fraternidade na Terra e o “milagre” da sua sobrevivência, *sem nenhuma espécie de auxílio externo*, representa a força que o Amor do Cristo pode imprimir a seres frágeis, porém bem seguros na escolha de suas metas espirituais.

Há três anos encontra-se em andamento entre nós o Plano de Implantação da Comunidade Lar Nicanor, cujas primeiras etapas estão sendo vivenciadas como uma escola intensiva de cooperação cristã e de criatividade nos caminhos novos dos “tempos que são chegados”.

Como dizia Paulo, “o Amor do Cristo nos constrange” e por Ele nos tornamos alegres nas árduas experiências do eterno “vir-a-ser” em que a vida se expressa dentro e fora de nós.

No lançamento desta 2ª edição estamos entrando no quarto ano de existência de nossa vivência comunitária. Desejamos partilhar com os irmãos que se encontram na busca do Caminho os “talentos” que nos foram confiados, para que possamos multiplicá-los em benefício de muitos outros.

A Comunidade Lar Nicanor está sendo implantada gradualmente na sede da FTRC, situada hoje em Brasília, onde todas as informações poderão ser dadas a quem se interessar por criar um novo estilo de vida participante, para o despertar das potencialidades profundas de trabalho e de autorrealização.

Nicanor, espírito iluminado dos muitos que se ligaram pelos séculos às práticas do mentalismo como instrumento de evolução, hoje debruça-se sobre as necessidades cármicas dos seres humanos carentes de alimento para o corpo e para o espírito. Na CLN possuímos uma oportunidade de despertar as potencialidades do ser integral, que espera manifestar-se em nós, pelas técnicas da vivência fraterna sem fronteiras culturais, raciais ou religiosas. Despertando a Luz que está em nós, todos os caminhos se farão claros.

Como decorrência contribuiremos de maneira segura para que o Ser Humano integrado gradualmente em suas potencialidades divinas remodele o planeta, para o alvorecer

de uma Nova Civilização enraizada na Paz e no Amor.

Que a Paz do Mestre Jesus se estenda, assim, a toda a Humanidade.

Rio, 7/12/81

América Paoliello Marques



Prefácio de Ramatís

Pelo qual sou embaixador em cadeias; para que possa falar dele livremente. – Paulo

...em vista do difícil testemunho, trazia o espírito mais livre para o serviço a realizar. – Emmanuel

Todos os que trazem a seus irmãos na Terra uma mensagem superior de Espiritualidade, à semelhança do Mestre, passam pela prova da solidão, mesmo quando cercados de multidões, pois aprenderam a vibrar em padrão mais elevado de entendimento, que não pode ser aceito, de imediato, pela maioria.

Por mínima que seja a divergência fundamental, são as exteriorizações do Bem em escalas sucessivas de auto-revelações que formam autênticas barreiras entre as criaturas. Tão zelosos os homens se fazem dos benefícios recebidos do Alto e que se revelam a eles nas expressões adequadas ao seu grau de entendimento, que anatematizam todas as exteriorizações do mesmo Bem que não sejam traduzidas para as expressões do seu “idioma” espiritual. Usando o mesmo vocabulário, *as* criaturas não se entendem, porque veem detalhes do Bem e desejam que todas as expressões da magnanimidade da Vida se enquadrem perfeitamente no seu ângulo de percepção espiritual.

Seria possível condená-las? Nunca. Entretanto, não seria possível, também, estacionar o ritmo do progresso porque a floresta de incompreensões humanas é densa. Haverá sempre os pioneiros dispostos à árdua tarefa de abrir caminhos estreitos e aventureiros na selva das paixões que enovelam, insensivelmente, o homem involuído.

O amor cobrirá, mansamente, a multidão das “imperfeições”, tanto dos espíritos apegados às suas predileções pessoais, quanto atenderá às necessidades dos precursores que, em sua paixão de avanço, se ferirem pelo impulsionamento do progresso. O Senhor buscará amparar a todos, sem exceção, porque para Ele só conta o Amor, que desabrocha gradativamente em cada alma à feição particular das características forjadas através dos séculos.

Paz e Amor será a fórmula abençoada, capaz de dissolver, no futuro, as divergências em que se debatem, mesmo os seguidores sinceros do Mestre, desde que Ele veio trazer a “espada” e não a “paz”. Usando o gume afiado da espada do Bem, cada qual irá podando os males ao seu alcance. Porém, se não se desligar da abençoada figura do Mestre, não invectivará o “pecador”, detendo-se, unicamente, no combate silencioso e persistente do “pecado” em si. Deste modo, Ele poderá refletir-se em seus atos de Amor, ao mesmo tempo que o aprendiz empunha a espada da luta permanente pelo Bem de todos.

A paz interior então conquistada será o reflexo da presença do Meigo Nazareno, sentida no templo sagrado do espírito. E o próprio trabalhador saberá que Ele, o Amigo Sublime, não se encontra a atender os sãos. Sua solicitude será o reflexo do ensino maior do Mestre — “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei.” Assim, o aprendiz que se sentir em luta pela expansão das Verdades Eternas, sem abandonar seu empenho, debruçar-se-á para socorrer, “em espírito e verdade”, os que julgar estejam precisando da medicina do Amor Crístico.

Não se deterá diante dos males. Prisoneiro das incompreensões de toda a sorte, cavará, silenciosamente, o túnel que o fará chegar, livre e alegre, ao seio do Eterno, sem ferir seus carcereiros. Utilizará o meio de comunicação construído em seu íntimo com esforços inauditos, na solidão dos testemunhos árdus. Simultaneamente, conquistará, pela paciência e cordura, a alma aflita dos que o acusam de ser errado por não lhes ser semelhante integralmente. Perdoará, por compreender estarem todos ajustados aos seus respectivos



papéis. Crerá, mesmo, nada ter a perdoar e, ignorando o mal aparente, prosseguirá em sua jornada, abençoando os que não desejam acompanhá-lo.

Para usufruir da beleza das rosas do Amor espiritual será preciso contar com o ferimento dos espinhos, pois, na Terra, vos colocais como aprendizes iniciantes da grande sementeira do Amor, que é a Vida. Até que vossos espíritos se tenham libertado dos espinhos das dores que semeastes no passado, muitas rosas fenecerão no jardim da Espiritualidade Superior, sem serem colhidas por vós. Aquelas que não possuem mais espinhos estão situadas em planos tão altos que não se encontram ao alcance de vossas mãos.

Exercitai-vos, sem desânimo, na colheita que vos couber no plano em que vos situardes. São rosas ainda imperfeitas, que ferem com os seus espinhos profundamente simbólicos. O Amor, para a alma em nível inferior de evolução, representa, ainda, a dor da recapitulação difícil, pelo desligamento do egocentrismo. Porém, alguém já deixou de colher rosas por causa do perigo dos espinhos?

Este desafio simbólico sempre será aceito pelas almas sadias e sensíveis, que não temem a dor quando ela vem aureolada pelos benefícios do Amor Espiritual. Ao verterem algumas gotas de sangue de seus ferimentos, sabem fixar-se na recompensa do perfume e da beleza que o Amor proporciona. E a alegria retorna aos seus espíritos, pois ... “são belíssimos os jardins da Espiritualidade”..., e, então, sentem-se como aprendizes que se exercitam com sacrifício para atingir recompensas de maior envergadura no futuro, alegrando-se, simultaneamente, com as pequenas vitórias interiores alcançadas ao passar do tempo.

Este livro tem por objectivo incentivar aqueles que se sentem tentados a paralisar sua colheita de rosas, por temor aos espinhos. Caberá a Nicanor instruir-vos na técnica de ignorar os espinhos para melhor usufruir a beleza das rosas. De tal forma buscará desdobrar aos vossos olhos espirituais os encantos da Espiritualidade e do Amor nela existente, que, estamos certos, o acompanhareis alegres à tarefa árdua de penetrar os jardins ensombrados da Terra para lim-

pá-los e ver crescer diante de *vós* uma única rosa que seja. Contemplando-a, então, vos alegrareis de tê-lo ouvido em suas exortações ao Bem.



Reflexões

Prefácio do autor espiritual

Desmitificar os tabus, submetendo-os à *refusão* com os valores espirituais, é uma dupla aventura, na qual crescemos interiormente pela coragem da *autoanálise* e do *teste* a que submetemos os princípios que abraçamos. Se os espiritualistas temerem devassar a caverna escura dos preconceitos humanos, quem poderá fazê-lo com propriedade?

Nessa dupla reformulação, cairão as ideias preconcebidas, vacilará a falsa estabilidade, mas a Vida será vitoriosa, desvelando, gradativamente, seus valores reais.

Em especial, essa realização confere ao aprendiz o verdadeiro senso de flexibilidade, capaz de proporcionar doses progressivas de humildade — sinônimo de ajustamentos infinitos à Lei.

Os desajustes causados pelo esforço da desmitificação dos tabus constituem um desafio, no qual a única bússola está representada pela fidelidade à consciência, pois amigos e inimigos se insurgirão contra o desenraizamento e o descompromisso da alma que busca a Realidade, porque, frequentemente, confunde-se amizade com um compromisso tácito de aprovação recíproca.

Desenraizar valores alimentados em comum com nosso próximo, para submetê-los a replantio em terreno mais fértil e à enxertia revitalizante, representa tomada de posição geralmente julgada antifraterna, pois nem todos se lembram, com a devida presteza, de que o Sol ilumina todos os terrenos e os frutos, em última análise, não pertencem a ninguém, senão à Vida.